

Boletim Internacional



Ano VI n° 03 08.02.2006

Piquetes na Gerdau/Ameristeel

Os trabalhadores associados ao United Steel Workers (Local 8586) fizeram um piquete informativo no portão principal da usina em Vidor - Texas, logo pela manhã da quarta-feira da semana passada.



Enquanto os cartazes que os trabalhadores carregavam dizia "Não estamos em greve", a movimentação tinha todo aspecto de uma greve.

"Não queremos paralisar o trabalho mas apenas mandar uma mensagem à direção da empresa que nós vamos fazer o que pudermos para conseguir um contrato coletivo" disse o vice-presidente da organização local do USW, Roy Williford.

Os trabalhadores estão sem contrato desde que a companhia declarou um locaute e fechou suas portas em maio de 2005, demitindo todos os trabalhadores. Aos poucos, desde dezembro, eles foram sendo readmitidos, embora o quadro de pessoal anterior ainda não esteja completo. Mas eles continuam sem um contrato de trabalho o que, pela legislação norte-americana, os deixa vulneráveis à demissões ou qualquer outra ação da companhia.

"Esta é uma ação de solidariedade", disse Pete Savoy, presidente da organização local ao jornal Beaumont Enterprise. "A companhia pensava que nós estávamos perdendo. Mas temos a esperança de trazer a empresa de volta à mesa de negociações".

A empresa foi comprada pela Gerdau em novembro de 2004. Ela tem mais duas usinas nos Estados Unidos : uma em St. Paul, Minnesota e outra em Wilton , estado de Iowa.

A empresa continua com a chantagem e diz que só voltará à mesa de negociações quando o sindicato apresentar uma "proposta completa" e "relevante". Querem que os trabalhadores sacrifiquem seus direitos.

A AmeriSteel apresentou resultados diminuídos em 2005 devido ao locaute. O prejuízo para a empresa foi de US\$ 14 milhões. Apesar disso ela continua intransigente. Isso talvez se explique pelo grande lucro que o grupo Gerdau apresentou no ultimo ano. A Gerdau lucrou R\$ 3,3 bi em 2005, o mesmo que em 2004. Mais que nunca os trabalhadores da AmeriSteel precisam da solidariedade de todos os trabalhadores da Gerdau.

Protesto dos trabalhadores EADS-CASA

Os trabalhadores da empresa espanhola EADS-CASA fizeram protesto diante da empresa contra a decisão dos Estados Unidos de proibir a exportação de aviões militares da empresa para o governo venezuelano

O protesto ocorreu nos seis centro produtivos da empresa na Espanha (em Sevilha, Cádiz, Madrid e Toledo) em meados de janeiro passado e os trabalhadores interromperam a produção para concentrarem-se por cinco minutos na frente das fabricas. O protesto foi organizado pela Federação Minero Metalúrgica das Comisiones Obreras

A principal manifestação ocorreu na planta de Madrid da GETAFE. Durante a manifestação o companheiro **José Alcazar**, secretario geral da seção sindical intercentros das CC.OO. disse que “nenhum plano industrial de nenhuma empresa pode estar condicionado por interesses políticos” advertindo “que as decisões políticas equivocadas podem colocar os empregos em perigo”. E chamou o governo e a sociedade espanhóis a defender a indústria aeronáutica do país.

A venda de aviões para a Venezuela foi estimada em 1,7 bilhões de euros e garantiria milhares de horas de trabalho para os trabalhadores da indústria metalúrgica em todo o país.

A venda dos aviões foi vetada pelos Estados Unidos porque eles detêm as patentes de uma série de programas e sistemas que são empregados no avião. Não se trata de tecnologia sensível.

Os Estados Unidos também vetaram uma venda de aviões Super Tucano fabricados no Brasil pela Embraer com base na mesma desculpa. A Embraer já havia vendido esse aviões para a Colômbia .

Trata-se de uma decisão política, mas não se sabe bem contra quem. A Venezuela é o principal fornecedor de petróleo para os Estados Unidos e comprou dele cerca de US\$ 24 milhões em armamentos em 2004.



A luta dos automotivos dos Estados Unidos

Diante da profunda crise que afeta a indústria automobilística dos países desenvolvidos e especialmente dos Estados Unidos onde milhares de trabalhadores automotivos estão sendo demitidos ou estão sob ameaça de demissão, o companheiro **Ron Gettelfinger**, presidente do UAW, o United Auto Workers, dirigiu-se aos seus afiliados pedindo que lutem por mudanças na legislação do país.



Os trabalhadores automotivos reivindicam um sistema publico de saúde que alivie os custos da manutenção dos benefícios que as empresas garantem a seus trabalhadores e que tem sido a principal alegação das empresas para dispensarem trabalhadores.

As empresas automotivas já anunciaram cerca de 70 mil dispensas de trabalhadores diretos para os próximos anos. Essas dispensas concentram-se nas empresas Ford , General Motors e DaimlerChrysler e limitam-se, de um modo geral , aos Estados Unidos e Alemanha.

A Ford anunciou há alguns dias um plano para a demissão de 30 mil trabalhadores e o fechamento de 14 fabricas da empresa nos Estados Unidos e Canadá até 2012, uma redução de cerca de um quarto em sua capacidade produtiva.

Pouco antes a GM também havia anunciado a dispensa de 30 mil trabalhadores nos próximos anos, acompanhada do fechamento de unidades. Já a DaimlerChrysler anunciou a dispensa de 6 mil trabalhadores administrativos em todo o mundo nos próximos três

anos.

Essas dispensas estendem-se rapidamente para as indústrias de autopeças. A Delphi, uma empresa ligada à GM e a maior fabricante de componentes do mundo encontra-se “falida” desde alguns meses e os seus trabalhadores estão alertas.

Essas dispensas são concentradas e não atingiram o Brasil, por exemplo, ainda que a GM brasileira esteja pressionando seus trabalhadores para aderirem a um PDV, talvez por problemas relacionados ao cambio.

Além de um sistema nacional de saúde publica, o UAW quer “medidas contra praticas comerciais ilícitas no comércio exterior e implantação de incentivos para a aquisição de veículos à álcool e flexíveis (bi-combustível).

Solidariedade aos mineiros colombianos

Os trabalhadores da ETN BHP Billiton, empresa que explora a mina de Cerro Matoso na Colômbia, estão prestes a desencadear uma greve devido à intransigência patronal diante de suas reivindicações.

O seu sindicato é afiliado ao UTRAMMICOL e a organização regional da FITIM está fazendo uma campanha de solidariedade aos trabalhadores diante das conhecidas dificuldades que enfrentam os sindicalistas colombianos.

O companheiro Jorge Campos Miranda, representante regional da FITIM está pedindo a todos os sindicatos que enviem cartas de solidariedade e protesto ao sindicato e á empresa.

Elas devem ser enviadas para :

Sr. Marcelo Bastos, Presidente de Cerro Matoso. mbastos@cmatoso.com

Sr. Eduardo García, Presidente (E) de Cerro Matoso. egarcia@cmatoso.com

com cópia para os sindicatos :

SINTRACERROMATOSO: sitracer@telecom.com.co

UTRAMMICOL: utrammicol@hotmail.com ; utrammicol@multiphone.net.co

Transcrevemos abaixo cópia da carta já enviada pelo companheiro e que pode servir de modelo :

Santiago, Febrero 8 del 2006

Señor
Marcelo Bastos
Presidente de la Empresa
Cerro Matoso, Montelibano-Colombia
Presente

Estimado señor:

3.200.000 trabajadores, de Latinoamérica y el Caribe, afiliados a la Federación Internacional de las Industrias Metalúrgicas – F.I.T.I.M, le hacen llegar a Ud. su más enérgica protesta por la insensibilidad social demostrada por su empresa en el proceso de Negociación Colectiva que ha llevado a sus trabajadores a decidir una justa huelga legal ante la negativa de la empresa a negociar una mas equitativa redistribución de sus ganancias.

Instamos a Ud, encontrar una justa solución de las diferencias en el marco de esta última etapa de negociación, con el fin de evitar una huelga que profundice aún mas esta situación, la que será informada al resto de los trabajadores de la BHP-Billiton en el mundo y a nuestra Sede Central en Ginebra, Suiza.

Sin otro particular, y a la espera de una pronta y justa solución al diferendo, que contemple los intereses expresados, saluda aUd.

Atentamente,

Jorge Campos Miranda,
Representante Regional
FITIM, América Latina y el Caribe

Lula pede esquerda mais combativa

Presidente diz que novos governos latino-americanos precisam se voltar para o exterior

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu uma "abordagem mais combativa no plano exterior" da nova esquerda da América Latina. Em entrevista a jornalistas argelinos, respondida por escrito antes de sua visita oficial à Argélia e publicada nas edições de ontem dos principais jornais do país, Lula ressaltou que a esquerda que subiu ao poder na América Latina "não é irresponsável" e está ciente que "tem que ser muito cuidadosa" ao lidar com seus desafios internos e com aqueles relacionados à globalização.

"Temos de ser realistas e lutar, não contra a globalização como Dom Quixote contra os moinhos de vento, mas para redefinir a geografia comercial e econômica mundial, de forma que nos beneficiemos também das possibilidades abertas pela globalização", insistiu Lula.

A possível guinada política à esquerda na América Latina foi observada neste início de ano com as eleições de Evo Morales, na Bolívia, e de Michelle Bachelet, no Chile. Mas poderá ser alimentada também pelas perspectivas de escolha de candidatos socialistas em boa parte dos países que enfrentarão pleitos presidenciais até meados de 2007, entre os quais o próprio Brasil.

Ao destrinchar sua definição da abordagem mais combativa dos novos governos de esquerda, Lula destacou principalmente a necessidade de maior articulação entre as economias em desenvolvimento, como meio de valorizar suas parceiras e também de impulsionar a defesa conjunta de seus interesses nos principais foros internacionais.

Trata-se do elemento básico da chamada cooperação Sul-Sul, a mola central da política externa de seu governo. Como argumento, valeu-se de seu exemplo favorito e até agora o mais efetivo - o G-20, a frente de economias em desenvolvimento que atua em favor de melhores resultados nas negociações sobre agricultura na Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Na avaliação do presidente, por meio de iniciativas de "grande realismo" como essa, os países do Sul teriam condições de participar mais ativamente e de mudar o jogo internacional "a nosso favor". Entretanto, o presidente teve o cuidado de não descartar o Movimento dos Países Não-Alinhados como frente representativa dos interesses do mundo em desenvolvimento - apesar de seu franco processo de desmobilização.

"A relação Sul-Sul não é apenas possível, como necessária. O Sul não é um conjunto amorfo de países subdesenvolvidos e dependentes, que nada têm a oferecer senão as matérias-primas para os países ricos", insistiu. "Juntos podemos ser mais fortes e não apenas aumentar o nosso comércio, mas participar com mais força nos foros econômicos e políticos em que se discutem as grandes questões de interesse da humanidade, como a OMC e a Organização das Nações Unidas", completou.

Em suas respostas por escrito aos meios argelinos, o presidente Lula teve especial cuidado de enfatizar que a cooperação Sul-Sul não tem o objetivo de se contrapor aos Estados Unidos ou a outras nações ricas. Essa advertência teve uma razão especial - o grau elevado de abertura da Argélia, país árabe e africano, principalmente em relação às economias européias.

Nesse sentido, destacou que a apresentação do mundo em desenvolvimento como uma voz organizada e fortalecida foi um dos motivos que o trouxe a Argel, onde foi recebido ontem com honras militares pelo presidente Abdelaziz Bouteflika.

Lula destacou que os Estados Unidos são um parceiro internacional de "primeira magnitude" para os países sul-americanos e também para os árabes, e insistiu que a aproximação entre as duas regiões "não implica em absoluto um repúdio ou uma diminuição da importância ou a exclusão da parceria com os Estados Unidos ou de outros países desenvolvidos".

"Não estamos fazendo nada contra ninguém, nem contra nada, mas a nosso favor. A favor da preservação e do respeito da nossa identidade cultural e política, da nossa diversidade e dos nossos interesses, que são em grande medida comuns", afirmou, ao ser questionado especificamente sobre sua iniciativa de aproximar os países da América do Sul aos do mundo árabe a partir da reunião de cúpula de Brasília, em maio de 2005. (*Tribuna da Imprensa*, 09.02.2006)

Benin ostenta um pedaço da Bahia na África

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu um jeito de se sentir mais em casa em seu quinto périplo pelo continente africano. Com objetivos políticos, econômicos, humanitários e comerciais diversos, incluiu em sua agenda uma passagem pelo Benin.

Neste País, pode se encontrar com Silvas como ele. Mas também com Freitas, Souzas e Domingues. Nem sempre disponível para viagens à Bahia, o presidente Lula vai ver no Benin um grupo de africanos que carregam sangue e tradições baianas, que adoram feijoada e são devotos do Senhor do Bonfim.

A República do Benin é um pequeno País localizado na costa oeste da África e que se constitui no único exemplo de implantação de uma cultura brasileira fora das fronteiras nacionais do Brasil.

Mais que brasileira, a cultura do grupo conhecido como Agudás é tipicamente baiana. O Benin foi ponto de partida de negros escravizados traficados para o Brasil e o Caribe. A partir do século XVIII, parte do fluxo se inverteu.

O comerciante de escravos baiano Francisco Félix de Souza transferiu-se para o Benin e levou com ele grupos de escravos libertos. O comerciante acabou recebendo o título de vice-rei do Uidá, região sul do País, onde se instalou. Segundo o antropólogo carioca Milton Guran, existe hoje no Benin oito sobrenomes luso-brasileiros.

As famílias de Agudás compreendem entre 5 e 10% da população do Benin. Os primeiros brasileiros que chegaram na região foram hostilizados pelos nativos, afinal, haviam sido excluídos daquela sociedade pela escravidão.

Mesmo assim, se reinseriram socialmente e levaram hábitos ocidentais àquela sociedade, entre eles, comer de garfo e faca e usar móveis domésticos. Ainda hoje, os Agudás se sentem como um grupo culturalmente “mais civilizado”.

REFERÊNCIAS – Os Agudás de hoje utilizam poucas palavras do idioma português, mas fazem questão de preservar e prestigiar os antepassados brasileiros. A referência que têm da cultura brasileira são roupas da aristocracia brasileira do século XVIII, a arquitetura colonial brasileira e igrejas neobarrocas.

Eles fazem questão de usar essas vestimentas nas celebrações ao Senhor do Bonfim, que acontecem por todo o mês de janeiro. Nas missas ao Bonfim de lá, ao contrário do que acontece em Salvador, não há mistura entre catolicismo e religiões africanas.

O Benin foi colônia portuguesa e francesa. Depois da independência, passou por seis golpes militares sem que tenha conquistado a estabilidade político-econômica. A agricultura responde a 38% do PIB, a indústria por 14% e os serviços por 48%.

O Brasil é um de seus principais parceiros econômicos. Para a Bahia, vende artigos de uso em rituais do candomblé e tecidos. E compra açúcar, algodão e fumo. Para além dos laços econômicos, existe uma forte ligação cultural entre baianos e beninenses.

“Orixás e voduns baianos vieram de lá”, afirma o antropólogo Ordep Serpa, professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Para Serpa, a passagem de Lula pelo Benin estreita laços culturais, políticos e econômicos com o País de origem de parte da população brasileira. “Existe um vínculo histórico entre o Brasil e a África e historicamente nosso País tem ficado de costas para a África”, comentou. *(Flávio Oliveira) (A Tarde, 09.02.2006)*

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação
Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

internacional@cnmcut.org

<http://www.cnmcut.org.br>